

Instrumentista e compositor gaúcho radicado no Rio de Janeiro teve atuação marcante na música popular brasileira durante quase quatro décadas

Reportagem Cultural

Marcello Campos, especial para JC

De origem tão antiga quanto incerta, a expressão popular “levar a vida na flauta” ainda serve de sinônimo a comportamentos como indolência, descompromisso e vadiagem. Nada mais injusto com os praticantes de um instrumento cujo domínio exige destreza na combinação motora de sopro e dedilhado, sob treinamento constante de postura labial, respiratória e corporal. Que o diga a trajetória do músico, compositor, arranjador e diretor musical porto-alegrense Dante Santoro (1904-1969), um dos mais produtivos nomes da música popular brasileira na primeira metade do século XX.

O ‘Canário Riograndense’ cresceu em ambiente fértil a seu talento artístico. Foi o terceiro dos cinco filhos do imigrante calabrês Pasquale Santoro e da napolitana Rosa Marsiglia - ele sapateiro, microempresário lotérico e músico amador, ela dona-de-casa e com um repertório de canções italianas incorporado ao cotidiano da família em seus três endereços sucessivos no bairro Floresta. O último, um sobrado na avenida Cristóvão Colombo nº 1.093, abriga hoje uma galeria de arte e loja de molduras, em frente ao Colégio Batista.

Embora os detalhes da iniciação sejam desconhecidos, relatos citam a primeira flauta aos 10 anos e aulas de teoria musical com Octavio Dutra (1884-1937), compositor, violonista e professor em uma cidade na qual esse ensino se dava mais no autodidatismo e aulas particulares do que por instituições formais. O mestre teve influência direta na trajetória do pupilo, inclusive ao despertar seu interesse pelo choro, gênero para o qual também foi atraído pelo flautista fluminense Pattápio Silva (1880-1907), primeiro instrumentista a gravar faixas solo no Brasil (para a Casa Edison, em 1902).

A precocidade era favorecida pela ampla demanda, contextualiza o músico e pesquisador Arthur de Faria. “Dante pertence a uma geração de meninos-prodígio que atuavam profissionalmente desde muito cedo, como os pianistas Paulo Coelho (1910-1941) e Radamés Gnattali (1906-1988). Ainda sem rádio

e com uma indústria do disco que ainda não tinha chegado à fase elétrica, as oportunidades de trabalho eram enormes para quem tocava ou cantava em cafés, cineteatros, clubes, cabarés e outros locais. Tudo ao vivo, presencial, com uma variedade impressionante de gêneros”.

Já soprando peças populares e eruditas antes de se tornar adulto, Dante rapidamente passou a ser requisitado para recitais, serenatas, saraus, apresentações com regional ou orquestra e acompanhamento de artistas nacionais em turnê pela capital gaúcha e interior do Estado. Também se engajou a iniciativas pioneiras no associativismo de classe, como o Centro Musical Porto-Alegrense (1920-1934). Mas houve um momento em que a cidade ficou pequena para seu potencial e ele então seguiu para o Rio de Janeiro, provavelmente em 1933.

“As perspectivas profissionais (em Porto Alegre) eram restritas se comparadas às da então capital federal”, situa a tese de doutorado *Dante Santoro: Trajetória e Estilo Interpretativo* (2014), defendida pela flautista e pesquisadora goiana Larena Franco de Araújo na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Mais completo mapeamento já realizado sobre o artista, o trabalho acadêmico mostra registros da presença esporádica de Santoro em emissoras cariocas desde 1928, em números de choro, valsas, tangos e mazurcas, muito antes de deixar o Rio Grande do Sul.

A mudança definitiva para a meca artística do País colocou o porto-alegrense de 29 anos no centro de um turbilhão musical a movimentar multidões. Solista e líder de um requisitadíssimo conjunto instrumental, integrou por mais de três décadas o elenco da Rádio Nacional, sem se contentar com o papel de coadjuvante de luxo para performances das maiores vozes da Era de Ouro. Sua “flauta mágica” também estreou cerca de 70 gravações próprias, a maioria autorais e distribuída em discos de 78 rotações, como testemunho de um estilo reconhecido por colegas e admiradores.

Leia mais na página central



Dante Santoro: uma vida levada na flauta

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Quintana revitalizado

Em 2006, quando se comemorou o centenário de nascimento do poeta alegreense Mario Quintana, a atriz Deborah Finocchiaro estreou *Sobre anjos e grilos*, uma exploração do universo do poeta. De lá para cá, a evidenciar que a obra de Quintana é eterna, a atriz tem trazido à ribalta diferentes versões daquele espetáculo, sempre inovando e acrescentando ou excluindo algumas passagens, de maneira a garantir, de um lado, a integridade da obra e, ao mesmo tempo, suas múltiplas facetas. Ainda agora, na semana passada, o Espaço 373 recebeu uma versão *pocket* do espetáculo, com cerca de uma hora de duração, antecedendo o espetáculo já anunciado do dia 29 de julho, na Casa de Cultura Mario Quintana, onde os 120 anos de nascimento de Mario estão sendo ricamente comemorados.

A amplitude da obra de Quintana permite, evidentemente, quase que infinitas leituras. Cada leitor, de certo modo, pode escolher o roteiro que prefira. Já é clássico escolher os poemas que falam de bairros e ruas de uma hipotética cidade de interior, mas que também pode ser a Porto Alegre de quando o poeta aqui chegou.

O que se destaca, no trabalho de Deborah Finocchiaro - impressão que tive quando de sua estreia e que se reforça agora quando, 20 anos depois, reencontro o espetáculo - é que a atriz, ao escolher os textos, preocupou-se não apenas em organizar um roteiro, mas em buscar um caminho que lhe permitisse explorar diferentes nuances de um espetáculo teatral. Assim, há momentos em que ela pode ler uma entrevista do poeta; em outros, a escolha dos poemas permite-lhe uma interpretação fortemente ritmada, quase cantada, o que reforça imensamente a musicalidade da poesia de Quintana. Em outras passagens, Deborah nos traz poemas que, apesar de antigos talvez já de 50 anos, parecem ter sido escritos ainda ontem, tal a sua atualidade e comunicabilidade.

O resultado desta imensa variedade de nuances na apresentação da obra de Quintana é que o espetáculo se torna extremamente interessante e prende a atenção do

espectador. Dou um pequeno exemplo: o famoso poema do poeta a escrever, à noite, seu poema, numa página em branco, quando por ela cruza uma formiguinha, o que o leva a considerar que ali está a suprema poesia, surge no espetáculo com o auxílio da projeção de um pequeno vídeo com imagem animada, em que se concretiza a narrativa do poema. É um momento bonito e emocionante, a evidenciar o cuidado e o carinho com que a atriz e roteirista leu, escolheu os poemas e buscou trazê-los ao espectador.

A trilha sonora de Chico Ferretti e a iluminação de Leandro Roos Pires ajudam a concretizar este trabalho, evidenciando o respeito e a preocupação em trazer a poesia de Mario Quintana, seja para aqueles seus leitores e admiradores mais tradicionais, seja para as jovens gerações, que não tiveram a oportunidade de acompanhar, por exemplo, as páginas do Caderno de sábado, do Correio do Povo, e que agora só têm acesso à sua obra através dos livros e das dezenas de sites e posts que registram e guardam a sua obra. Mario Quintana nunca integrou a Academia Brasileira de Letras, o que evidentemente merecia. Mas ele não era dado aos beija-mãos necessários

Mario Quintana nunca integrou a ABL, o que por certo merecia. Mas ele não era dado aos beija-mãos necessários para tal eleição.

para tal eleição. De qualquer modo, certamente foi dos poetas mais lidos de sua geração, que compreende Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles ou Manuel Bandeira, o que não é pouca coisa. Lembro, ainda, de suas últimas sessões de autógrafos na Feira do Livro de Porto Alegre: ele ficava horas assinando os exemplares que os leitores levavam, de forma que todos recebessem uma lembrança do poeta.

No momento em que chegamos aos 120 anos de nascimento de Quintana, é importante que um espetáculo que, igualmente, evidencia longevidade (afinal, são 20 anos desde sua estreia) continue com a vitalidade necessária para permanecer em cartaz e provocando o interesse do público - graças à matéria-prima, que são os versos de Quintana, mas também graças à dinâmica e à atualização permanente que leituras atentas e sensíveis como a de Deborah Finocchiaro concretizam.

acontece

BEATRIZ DAMY/TV GLOBO/DIVULGAÇÃO/JC



Interpretada por Débora Bloch, vilã não morreu ao final, o que dividiu opiniões entre o público

Manuela Dias explica por que deixou Odete Roitman viva no remake de *Vale Tudo*

Mais de nove meses após o último capítulo do remake de *Vale Tudo*, exibido em horário nobre pela TV Globo, Manuela Dias comentou publicamente a decisão de manter Odete Roitman viva no fim da novela. Em entrevista ao programa *Jornal da Bahia no Ar*, da Rádio Metrópole, a autora afirmou que a escolha foi pensada como uma crítica à permanência das estruturas de poder e da elite brasileira, diferentemente do desfecho da versão original de 1988.

Segundo ela, manter viva a personagem interpretada por Débora Bloch representa uma metáfora sobre a forma como a elite se reinventa para preservar sua posição. “A elite não morre. A elite e o poder instituído mudam para continuar igual. É como o capitalismo. Para mim, fez todo sentido que a Odete ficasse viva”, afirmou.

Manuela acrescentou que procurou construir a reta final da novela de forma a apresentar diferentes possibilidades para o destino da vilã. “Eu quis oferecer para o público todo o cardápio das possibilidades. Mas a elite não morre.”

A autora também comentou a repercussão das mudanças promovidas na adaptação e disse compreender a reação dos telespectadores. “Entendo a angústia do público com as mudanças. É uma novela icônica, não teria como isso passar e não gerar polêmica. Que bom que virou polêmica, porque a pior coisa é a indiferença”, declarou.

Segundo ela, pesquisas da emissora e os dados de audiência mostraram que os momentos em que a trama mais se distanciou da versão original despertaram maior interesse do público. “Reclamar não significa não gostar. Reclamar é se importar. E a novela foi propondo esse jogo. Não faria sentido fazer uma novela toda igual.”

Manuela citou como principal exem-

plo desse movimento a revelação de que Leonardo, filho de Odete, estava vivo. Segundo a autora, a ideia surgiu durante a madrugada e acabou se tornando uma das principais viradas da história, contribuindo para o crescimento da audiência ao longo da exibição.

A autora também relembrou a relação que teve com *Vale Tudo* desde a infância. “Sempre vi *Vale Tudo* como uma grande oportunidade, como se eu estivesse fazendo um PhD. Vi a versão original quando eu tinha 11 anos. Vi como uma grande oportunidade de aprender”, refletiu.

As mudanças nos rumos de personagens importantes na trama marcaram o remake de *Vale Tudo*, projetado para reanimar a audiência da Globo na faixa horária das novelas. No entanto, boa parte das alterações não foi bem recebida pelo público. No caso da morte de Odete Roitman, um dos acontecimentos mais marcantes da teledramaturgia brasileira, alguns espectadores apontaram contradições na cena do crime, além de considerar a solução do remake frustrante e muito menos impactante do que a da novela original, exibida entre 1988 e 1989.

Em alguns casos, o próprio elenco sentiu-se desconfortável com a situação. Taís Araújo, por exemplo, falou publicamente sobre sua decepção com as mudanças envolvendo a personagem Raquel. Um dos pilares da trama original, Raquel sofreu mudanças significativas em sua trajetória durante o remake - a principal delas, um retorno à pobreza após alcançar o sucesso no ramo culinário. Segundo a Folha de S. Paulo, Taís chegou a registrar uma denúncia no departamento de compliance da TV Globo, afirmando que a perda de importância da personagem era uma decisão pessoal de Manuela Dias contra ela e reforçava estereótipos negativos em torno das mulheres negras.

fique ligado

Almir e Gabriel Sater se apresentam juntos

Almir e Gabriel Sater sobem juntos ao palco do Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685) neste sábado, às 21h, com a turnê *Pai e Filho*. O espetáculo alterna momentos individuais e compartilhados, percorrendo o repertório dos dois artistas com a viola caipira e mantendo sem-

pre a música regional brasileira como fio condutor. Os ingressos, disponíveis pela plataforma Sympla, variam entre R\$ 200,00 e R\$ 680,00.

Maior referência da viola no Brasil, Almir Sater acumula mais de quatro décadas de carreira e um Grammy Latino conquista-

do em 2016. Gabriel, seu filho, ganhou projeção ao interpretar o violão Trindade na nova versão da telenovela *Pantanal*, transmitida pela TV Globo, em papel vivido originalmente pelo pai. Gabriel Sater também já recebeu indicação ao Grammy Latino, em 2023.



Turnê *Pai e Filho* passa pelo Auditório Araújo Vianna neste sábado, com um repertório conduzido a partir da viola caipira

Irka Barrios lança livro *Porto Alba* na Livraria Paralelo 30

A escritora Irka Barrios lança o romance *Porto Alba*, publicado pela Autêntica Contemporânea, neste sábado, às 16h, na Livraria Paralelo 30 (Vieira de Castro, 48). O evento ainda conta com um debate entre a autora e os escritores Daniel Galera e Matheus Borges. A entrada é franca, e exemplares do livro estarão à venda no local.

O livro acompanha a personagem Ana, médica enviada à cidade de fronteira que dá nome à obra, para investigar o Mal-do-Rio, doença misteriosa que afeta

moradores com manchas, febre e feridas que não cicatrizam, enquanto a comunidade enfrenta a ameaça de uma hidrelétrica que pode submergi-la.

Nascida em Tuparendi, Irka Barrios é doutora em Escrita Criativa pela Ufrgs e autora de *Lauren*, indicado ao Jabuti em 2020, e *Vespeiro*. *Porto Alba* é seu segundo romance e reúne suspense psicológico, horror corporal e crítica ambiental em uma atmosfera de fronteira entre países, línguas e formas de poder.

The Fevers e Wanderléa celebram a Jovem Guarda

O festival *Jovens Tardes - A Festa da Jovem Guarda* reúne The Fevers e Wanderléa no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685) neste domingo, a partir das 18h. No intervalo entre as duas apresentações, Rafael Malenotti, da banda gaúcha Acústicos e Valvulados, apresenta o *pocket show A Tremenda Noite do Rei*, com clássicos de Roberto e Erasmo

Carlos. Ingressos entre R\$ 140,00 e R\$ 500,00, no Sympla.

Conhecida como a Rainha da Jovem Guarda, Wanderléa emplacou sucessos como *Pare o Casamento* e *Ternura* ao lado do Roberto Carlos nos anos 1960. Já o The Fevers, um dos grupos pioneiros do rock nacional desde 1964, traz clássicos como *De que Vale Tanto Amor* e *Mar de Rosas*.

Duas noites de muito blues no Grezz

O Mojo Blues Festival estreia em Porto Alegre neste sábado e domingo, no Grezz (Alm. Barroso, 328), com duas noites dedicadas ao Dia Internacional do Blues. No sábado, a programação começa às 19h30 com Oly Jr. Trio, passa por Luciano Leães Trio com Vini Canella e encerra com Solon Fishbone, um dos maiores guitarristas do blues brasileiro. No domingo, a abertura é às 18h com o Conjunto Bluegrass Porto-Alegrense, seguido de Between Blues com Ariane Wink e Indira Castro, Andy Serrano Blues Session e uma Open Stage Jam Session no encerramento. Ingressos entre R\$ 40,00 e R\$ 90,00 pelo Sympla.

Realizado pela Open Stage em parceria com o Grezz, o festival reúne artistas que representam diferentes vertentes do gênero, do blues primitivo do Delta do Mississippi ao bluegrass e às jam sessions. O termo 'Mojo' vem da tradição sulista dos Estados Unidos da América, e se refere a uma força mística ancestral.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 31 DE JULHO

🕒 **15h** - Fundação Iberê (Padre Cacique, 2.000) recebe peça infantil *Um Leão na Sala de Aula*. Gratuito, com retirada de ingressos uma hora antes do espetáculo.

🕒 **19h** - Leonardo Brasiliense lança *Outras Guerras* na Livraria da Travessa do Shopping Iguatemi (João Wallig, 1.800). Livre.

🕒 **19h** - Grupo Cerco volta ao Teatro Oficina Olga Reverb (Riachuelo, 1.089) com montagem *Arena Selvagem*. Ingressos esgotados.

🕒 **20h** - Performance *Amor e Outras Elas*, da Escola Cordas & Cordas, no Teatro de Bolso Ernani Poeta (Garibaldi, 1.025). Ingressos limitados. Informações e reservas pelo WhatsApp (51) 99611-4147.

🕒 **20h** - *A vingança é um jardim selvagem* celebra histórias de mulheres em curta temporada no Teatro do CHC Santa Casa (Independência, 75). R\$ 50,00 no Sympla. Repete sábado, 20h.

🕒 **20h** - Últimas sessões do espetáculo *Mares e Nuvens Flutuantes*, com coreografia butoh. No Teatro Renascença (Erico Verissimo, 307). Ingressos no Sympla. Repete sáb (20h) e dom (18h).

🕒 **20h** - Projetos que transitam entre MPB, indie e rock latino, Pianocoquetel e Gabo Islaz fazem show no Espaço 512 (João Alfredo, 512). A partir de R\$ 30,00, no site da casa noturna.

🕒 **21h** - *Clássicos do Nosso Rock* reúne no Grezz (Alm. Barroso, 328) Pata de Elefante, King Jim, Marcelo Fornasier, Julio Reny e Maurício Chaise em noite de rock gaúcho. R\$ 30,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Guitarrista Pedro Tagliani convida Nico Bueno & Lucas Fê para noite com clássicos do jazz, música brasileira e autorais. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 40,00 no local.

🕒 **23h** - Festa da Comunidade quer todo mundo dançando no Ocidente (Osvaldo Aranha, 960). DJs Luciano Lima e Fran Piovesan + Lucio Kahara. R\$ 70,00, em terceiro lote, pelo Sympla e no local.

SÁBADO, 01 DE AGOSTO

🕒 **Das 10h30min às 12h30min** - No último fim de semana da mostra *O tempo passa, a arte fica*, Gravura (Corte Real, 647) promove conversa com Paulo Gomes e Cláudio Eizirik. Mediação de Gabriel Teitelbaum. Gratuito, reservas pelo WhatsApp (51) 99718-9258.

🕒 **15h e 17h** - Orquestra de Brinquedos une música, teatro e fantasia no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). A partir de R\$ 25,00 no site do Teatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.

🕒 **16h e 20h** - Peça *O Inspetor Geral*, de Gogol, recebe adaptação pelo Grupo de Teatro Aquiagora. Na Esquina Democrática, às 16h, e na Terreira da Tribo (Pátria, 98), às 20h (seguida de bate-papo). Gratuito. Repete dom, às 16h (Pq. Farroupilha) e 20h (Terreira da Tribo).

🕒 **18h** - *A Família Sujo*, do Cuidado Que Mancha, une teatro, música e efeitos sonoros ao vivo. No Viva Open Mall (Nilo Peçanha, 3.228). Gratuito, reservas em sesc-rs.com.br/espeticulosculturais.

🕒 **19h** - Diego Lopes apresenta tributo a Paul McCartney no Hard Rock Cafe Porto Alegre (Padre Cacique, 2.893), com clássicos da carreira solo e dos Beatles. A partir de R\$ 30,00 no site do Hard Rock.

🕒 **20h** - Representante da nova música popular latino-americana, trio argentino Dos Más Uno estará no Rancho Tabacaray (Vicente Monteggia, 2.770). Opções de gastronomia gaúcha, à parte. A partir de R\$ 100,00 no Sympla. Reservas pelo WhatsApp (51) 99864-1357.

🕒 **21h** - Induo, com Bethy Krieger e Luizinho Santos, toca MPB e jazz no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). R\$ 40,00 no local.

DOMINGO, 02 DE AGOSTO

🕒 **14h** - Autógrafos da HQ *SuperCapivara*, com Gabriel Dearo e Manu Digilio. Na Livraria Paisagem do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). Senhas pela Livrarias Curitiba, mediante compra da HQ.

🕒 **16h** - Samba do Quintana traz homenagem ao Dia dos Pais na Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736), com Thiago Ribeiro e Antônio Lima. Entrada gratuita.

🕒 **A partir das 17h** - Em alta na música sertaneja, Mayke e Rodrigo integram a 3ª edição do Modão & Maldade no Patrimônio (Conselheiro Camargo, 212). A partir de R\$ 20,00 no Ingresse.

🕒 **19h** - Com Zé Adão Barbosa e Arlete Cunha, comédia *A Livraria do Amor*, de Gilberto Schwartzmann, estreia no CHC Santa Casa (Independência, 75) celebrando a literatura e o amor verdadeiro. R\$ 60,00 no Sympla. Repete segunda e terça-feira, 19h.

🕒 **19h** - *Concerto Barroco* é o destaque do Domingo Clássico Petróbras, da Orquestra de Câmara da Ulbra. Na Associação Leopoldina Juvenil (Marquês do Herval, 280). Entrada franca, retirada de ingressos pelo Sympla.

reportagem cultural

Sopro de qualidade na música popular

Marcello Campos, especial para o JC *

Quando Dante Santoro se estabeleceu no Rio de Janeiro, em 1933, o cenário era de ebulição musical. A radiodifusão se expandia, a indústria fonográfica ganhava força e o samba alcançava um público cada vez maior. Lugar e momentos certos, portanto, para um talento fora de série como o de Dante Santoro. Aos 29 anos, o gaúcho passou a soprar na então capital do País as notas que o consolidariam ao longo das décadas seguintes como um dos mais produtivos nomes da Era de Ouro das transmissões.

Ele atuou mediante cachê na programação de emissoras como Cajuti, Philips, Guanabara e Educadora, até dar mais um passo

decisivo na carreira, em 1º de setembro de 1936: o ingresso como funcionário da recém-inaugurada Rádio Nacional, junto a colegas igualmente geniais – como o pianista conterrâneo Radamés Gnattali (1906-1988) – e que ajudariam a definir a identidade sonora de uma estação de audiência potencializada após sua encampação pelo governo de Getúlio Vargas, quatro anos depois.

Técnica e versatilidade na flauta transversal encontraram nos estúdios e palcos um ambiente sob medida para performances com orquestra e outras formações. Em 1938, assumiu o comando do conjunto regional da emissora – configuração caracterizada por instrumentos de cordas dedilhadas, sopro

e percussão, em gêneros como samba e choro. O ‘Regional de Dante Santoro’ não demoraria a aparecer em anúncios de jornais e etiquetas de faixas de discos de 78 rotações de gravadoras como Odeon, RCA-Victor, Continental e Sinter.

Garantindo a cama sonora para vozes como Francisco Alves e Orlando Silva, o ‘Canário Rio-grandense’ ganhou novo apelido: ‘Bico de Ouro’, onipresente como solista, arranjador e *bandleader*. Em depoimento de 2011 à pesquisadora Larena Franco de Araújo, Jorginho do Pandeiro (1930-2017) relembrou o que testemunhou como integrante do núcleo na década de 1950. “A rotina era puxada, com ensaios, apresentações, acompanhamentos e a necessidade de estar sempre pronto a tocar. Ele chegava pela manhã, permanecia na emissora até o encerramento da programação vespertina e retornava ao fim da tarde para os programas noturnos. Aos domingos, o expediente também começava cedo (...)”.

A tese de doutorado da pesquisadora goiana detalha as principais qualidades da “flauta mágica” de Santoro: “Sua sonoridade é incisiva, com notável homogeneidade entre registros graves, médios e agudos, fraseado de articulação precisa e variada, além do uso de timbre escuro (mais quente e avulso) e do pioneirismo



Flautista chegou ao Rio em 1933; anos depois, se consolidou na Rádio Nacional

em técnicas como a respiração contínua. Também evidencia elementos inspirados na música de concerto, com uso imaginativo em introduções, passagens virtuosísticas e efeitos sonoros”.

Ainda segundo Larena, Dante possivelmente tenha sido o primeiro a registrar em disco no País uma música com o mencionado recurso da respiração con-

tínua, de difícil execução e por meio do qual o instrumentista respira e tocar ao mesmo tempo, sem pausas. “Trata-se do choro *Desafio para Flauta e Pandeiro*, peça autoral gravada ao vivo na Rádio Nacional em 1939 e jamais lançada comercialmente, porém disponível no acervo do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro [MIS-RJ]”, revela.



Dante nos anos 1920, em trio com Octavio Dutra (à direita)

O compositor

Faceta desenvolvida desde a juventude, a composição de temas instrumentais rendeu mais de 100 choros, valsas e peças de outros gêneros, além de eventuais canções criadas a quatro mãos. No catálogo estão gemas como *Harmonia Selvagem*, amostra de um virtuosismo de espaço cativo no repertório de gerações posteriores. O gaúcho radicado no Rio também evocou a terra natal, em regravações de Octávio Dutra ou nos títulos *Mate Amargo* e *Minuano Triste* – fruto de uma nostalgia aplacada com visitas anuais à família em Porto Alegre.

Um dos maiores êxitos de sua carreira se deu em 1943, ao coassinar o tema de abertura da radionovela *Vidas Mal Traçadas*, do fluminense Giuseppe Ghiraroni (1919-2008). Com letra da paraen-

se Scylla Gusmão, a valsa homônima ganhou versões de cantores do primeiro time (Albertinho Fortuna, Vicente Celestino, Carlos Galhardo). Em 1948, voltou às paradas em regravação na voz de do carioca Francisco Alves (1898-1952), o ‘Rei das Multi-dões’, consolidando a reputação de Dante Santoro na esfera autoral.

Esse acabaria sendo um dos seus últimos momentos de brilho. Na década seguinte, a chegada da televisão e os novos caminhos da música

popular brasileira, dentre outros fatores, diminuíram o ritmo de trabalho do Regional de Dante Santoro. Sobrou tempo para gravar em 1955 o seu único LP (o dez-polegadas *Flauta Mágica*) e abrir o bar-restaurant musical Inferno de

Dante no mesmo terreno de sua casa na então erva Barra da Tijuca. Uma pequena crônica no Diário Carioca, em julho de 1959, conferiu tons divertidos ao estabelecimento, especializado em arroz de carreteiro e pescados: “Dante Santoro descobriu



Dante Santoro (segundo à esquerda) em 1964, com Donga, Caymmi e Bonfá

um novo processo de pescaria, sem uso de anzol, isca ou rede. Ele toca sua flauta à porta do restaurante e os peixinhos, por encantamento, vêm pulando e dançando para dentro da panela”. Poesia à parte, o negócio acabou fazendo jus ao nome, com

perrengues diabólicos – dívidas, arrombamento e os eternos “penduras”, muito comuns quando artistas passam ao outro lado do balcão. “Com pena dos amigos que vinham de longe, muitas vezes ele acabava aliviando a conta”, detalha Arthur de Faria.



Falecimento de Dante, em 1969, causou comoção no cenário cultural do País

Flauta no estojo

Casado, sem filhos e ainda funcionário da Rádio Nacional mas com a saúde debilitada, o 'Bico de Ouro' estava encostado havia meses quando faleceu, aos 65 anos, em 12 de agosto de 1969. Velório na Capela da Praça da República e sepultamento no Cemitério do Catumbi (os restos mortais acabariam futuramente transferidos para Porto Alegre) reuniram grande número de artistas, enquanto os principais jornais do País se derramavam em elogios à longa ficha de serviços prestados pela figura.

Correio da Manhã (RJ) e Última Hora (SP) chegaram a embarcar na *fake news* sensacionalista de que Dante havia sido assassinado durante briga com *playboys* em seu bar-restau-

rante. Mesmo com desmentidos publicados pela família no dia seguinte, a lenda urbana perduraria por muito tempo. De fato, há o relato verídico de uma surra sofrida pelo músico após discussão com jovens que urinavam na parte externa do estabelecimento, mas trata-se de incidente ocorrido em tempos anteriores e sem registro de sequelas.

"Os documentos atestam como causa do óbito um edema pulmonar, em meio a complicações cardiorrespiratórias decorrentes de enfisema, após vários dias de internação na

Policlínica Geral do Rio de Janeiro", confirma Larena Franco de Araújo. Triste ironia para um exímio praticante de instrumento sonoro cujo domínio também depende de fôlego e imenso controle respiratório. E que, até onde se sabe, não tinha o cigarro como parceiro.



ser ouvida em sites como YouTube e o discodobrasil.com.br. E ainda pretendo retomar esse projeto, com outros registros sonoros e disponibilização do material nas plataformas digitais. Interessados em apoiar a ideia podem entrar em contato pelo WhatsApp (51) 99962-2425." Na noite de 14 de dezembro daquele ano, o lançamento da caixinha motivou um show-tributo no American Bowling, bar e casa noturna então instalado no Shopping Bourbon da avenida Assis Brasil. No palco, tendo como mestre de cerimônias a comunicadora



Homero Santoro ajudou a resgatar fonogramas do tio paterno

Silêncio quebrado

A morte do 'Canário Riograndense' já completava quase 30 anos quando uma iniciativa do médico, músico e ex-militar porto-alegrense Homero José Santoro contribuiu para que a produção de seu tio paterno voltasse a ser ouvida com atenção. Dono do renomado estúdio Alfa, no bairro Petrópolis, ele obteve financiamento do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural (Fumproarte) para resgate digital de gravações do músico em antigos discos de 78 rotações e um LP de 10 polegadas, lançados entre 1934 e 1955.

O resultado foi a *A Flauta Mágica de Dante Santoro* (1998), caixa de três CDs reunindo 68 faixas, 53 das quais como solista em composições próprias (o "guru"

Octavio Dutra é reverenciado em outras cinco) e o restante no acompanhamento de cantores como Francisco Alves e Mario Reis. Em anexo, libretto com informações biográficas, reproduções de partituras, notícias de jornais e fotos do acervo familiar. Uma empreitada sem dividendos financeiros, mas cujo impacto é dimensionado por seu realizador, hoje aos 74 anos: "A mão-de-obra foi enorme. Demandou um ano e meio de dedicação exclusiva, sob colaboração técnica dos parceiros Rogério Roennau, Carlos Caramori e Ruy Kasper. Valeu a pena, ao permitir que essa obra tão importante chegasse novamente ao público, além de se tornar referência para músicos e pesquisadores. A coletânea se esgotou, mas pode

Katia Suman, pérolas do 'Bico de Ouro' foram interpretadas pelos flautistas Plauto Cruz (1929-2017) e Pedrinho Figueiredo, mais Rogério Piva

e Marcelo Truda em violões e cavaquinhos, além de um trio com Thiago Santoro (sobrinho-neto de Dante) na bateria, dentre outros convidados.



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.

nas telas



Premiado em Cannes, A Professora de Piano consagrou atriz Isabelle Huppert

Clássico em versão restaurada

Clássico dirigido por Michael Haneke, A Professora de Piano retorna aos cinemas em versão restaurada, comemorando os 25 anos de seu lançamento original. Conhecido pela atuação marcante de Isabelle Huppert e premiado no Festival de Cannes, o longa aborda a subjetividade e a sexualidade humanas a partir de Erika Kohut, uma professora de piano no Conservatório de Viena.

Prestes a completar 40 anos, Erika ainda vive sob intensa influência da mãe, com quem mora. Sua maneira de escapar dessa realidade é através de visitas frequentes a cinemas pornô e peepshows, onde exerce hábitos sexuais distantes do usual. Sua sexualidade oculta e desejos profundos vêm à tona quando ela desenvolve uma relação intensa e perigosa com seu novo aluno.

Infância e adolescência no interior do Piauí

Após estreiar mundialmente no Festival de Berlim, A Fabulosa Máquina do Tempo, novo documentário de Eliza Capai, chega aos cinemas do Brasil. Rodado no Piauí, o longa trata do delicado limiar entre infância e adolescência, narrado por quem ainda vive essa travessia: um grupo de meninas, que navegam entre cultos evangélicos,

redes sociais e sonhos de futuro. Ao inventarem uma máquina do tempo, elas revisitam as histórias duras de suas mães e avós, marcadas pela pobreza e desigualdade, e viajam para um futuro onde se enxergam livres e realizadas. Entre brincadeiras e fabulação, elas questionam o que significa se tornar mulher.

Fantasia com David Bowie na Sessão Vagalume

Neste sábado e domingo, às 15h, a Sessão Vagalume da Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085), exibe um clássico dos anos 1980: Labirinto – A Magia do Tempo (1986), de Jim Henson. As sessões custam R\$ 10,00, na bilheteria do centro cultural. A trama acompanha Sarah, uma adolescente apaixonada por histórias fan-

tásticas que deseja que seu irmão caçula desapareça. Quando um personagem de um dos seus livros ganha vida e leva o bebê para um reino mágico, Sarah precisa atravessar um misterioso labirinto para resgatá-lo antes que o tempo acabe. O filme traz o astro pop David Bowie no elenco, e virou objeto de culto para diferentes gerações.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Atriz que viveu a replicante Rachael no filme "Blade Runner", de 1982	Cenário da obra de Dashiell Hammett	Sinceros; francos O tipo de substância usada para combater hemorragias	Site de vídeos da internet	Desenhista italo-brasileiro, foi o principal artista gráfico do 2º Reinado	Objeto da busca de Sir Lancelot nas lendas arturianas	Valor positivista expresso na Bandeira Nacional
Superfície onde se escreve com giz		Urânio (símbolo)		Dividir em duas partes iguais		
De novo!		Direção do amanhecer (Geog.)		Gíria paulistana	Rapaz, em inglês	
Movimento social fundado em 1984				A energia solar, por sua duração prática		
A cobra-de-duas-cabeças	Giordano Bruno, ante a Inquisição			Canoa usada para descer corredeiras		
					Órgão da ONU para o Trabalho (sigla)	
Relíquia de Buda guardada no templo de Kandy (Sri Lanka)				O "eu" psicanalítico		Zelosa
Variante do grego em que foi escrito o Novo Testamento	Níquel (símbolo)		Integrante da Máfia (EUA)	Agência de águas		
			Fim, em inglês			
			Propelido pelo vento			
				Cada uma das situações ou momentos da evolução de um enredo		Tecia de gravação
A opinião pessoal, no depoimento	Rio da usina de Tucuruí					Tipo de assassino de "O Xangô de Baker Street", de Jô Soares
	Sobeja					
Isto é (abrev.)		Um, em francês		Lago no Noroeste da Turquia		Carne bovina de segunda
Autor (abrev.)				Tipo de alucinação auditiva (Med.)	(?) batismal, recipiente de igrejas	
Componente do gás natural			Espaço sob o arco de uma ponte			

BANCO 2/un. 3/end — lad — van. 5/koine. 6/acusma. 9/antispensa — sean young. 14/angelo agostini.

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Desafio Fácil Palavra Cripto

Acesse nosso site!

COQUETEL

Solução

T	V	H	T	O	N	E	
A	P	E	V	A	S	M	A
R	I	A	N	I	E	I	
E	N	V	A	E	T	R	I
S	N	I	N	C	O	I	C
	L	O	E	N	I	O	K
R	S	G	N	G	E	N	D
C	I	O	S	V	E	G	O
O	G	E	E	T	E	D	E
M	V	N	E	B	S	I	N
E	T	O	I	N	E	R	N
D	V	L	I	N	S	M	
R	V	E	M	N	S	I	B
O	H	G	E	N	O	H	D
G	N	N	O	A	N	V	E
	V						

Horóscopo

Áries: Muitas coisas estão se desligando em sua vida, como um crepúsculo, como o se apagar do que já se passou. Não tema este momento de refluxo forte, apenas se aquiete nele.

Touro: O entusiasmo com as conquistas materiais está diminuindo. É tempo de interiorização. Não receie perder o ritmo, aproveite para estar mais quieto e calmo.

Gêmeos: Um dia para deixar a mente mergulhada tranquilamente em grandeza você se inspira com os pensamentos das grandes almas e anseia por compreensão ampla.

Câncer: A sensibilidade emocional está a tal ponto estimulada, que você capta muito mais do que pode realmente compreender. Perceba, mas não se agite demais com o que percebe.

Leão: Suas relações pessoais denotam especial sensibilidade. Não tente definir ou impor nada. Apenas flutue em alguma direção positiva com que a vida possa lhe sinalizar.

Virgem: Trabalhe com leveza, com graça e com arte. É mais importante o relaxamento que permeie suas atividades neste dia, do que propriamente a produção das atividades.

Libra: Os amores e afeições podem lhe inebriar suavemente. A inspiração é o que de melhor pode lhe acontecer. Mas dê a ela contornos concretos. Assim, a satisfação é maior.

Escorpião: A sensação de estar em paz com os seus é que mais pode lhe agradar neste sábado. Evite cultivar maus sentimentos, e uma alegria generosa brotará espontaneamente.

Sagitário: Conviver com amigos, estar com aquelas pessoas que lhe agradam, conversar sobre a beleza deste mundo, ou de outros mundos. Tudo isto pode preencher este seu sábado.

Capricórnio: Não invente obrigações, não se agite pelo que não precisa fazer. Há coisas boas em sua vida, e hoje você pode se regalar em usufruir o que de melhor a vida prodigaliza.

Aquário: Um espírito humanitário toma conta dos sentimentos e pensamentos e, por que não, até dos gestos. Hoje, sua sensibilidade tem um forte acento religioso ou místico.

Peixes: Um dia propício para você se recolher e se colocar em relação íntima consigo mesmo. Cultive o que lhe traga uma paz profunda e infinita. Cultive o que há de melhor em você.

Gregório Queiroz / Agência Estado



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Praia extensa, um farol, três homens e muitas histórias

Outras guerras (Companhia das Letras, 136 pág, R\$ 89,90), romance, é o décimo terceiro livro de Leonardo Brasiliense, escritor, roteirista de cinema e fotógrafo amador. Leonardo, multipremiado, já recebeu, entre outros, dois prêmios Jabuti e um Açorianos de Literatura, pelos livros *Adeus contos de fadas* e *Três Dúvidas*, e se consolidou como um dos grandes nomes da literatura gaúcha contemporânea.

Com uma linguagem clara, econômica e fluente e com diálogos vivos, Leonardo traz as vidas de três homens, marinheiros, que se encontram num farol para, durante 85 dias, mantê-lo funcionando.

Uma reportagem dos tempos da pandemia inspirou o autor a narrar os dramas de Agostinho, Ariel e Skawinski, num cenário dominado pela praia mais extensa do mundo. Em meio à areia, ao vento e à solidão e enfrentando seus próprios fantasmas,

os três vão vivendo a rotina do isolamento.

Agostinho, o mais velho, sofre com problemas com a bebida e pensa que, ao se voluntariar para trabalhar no farol, está purgando um ato sem perdão: alcoolizado e sem memória, foi acusado de algo abominável e não tem como se defender. Ariel, o mais novo, foge para tentar se encontrar. Nunca tomou decisões por conta própria. Na solidão dedica-se a seus orixás, procurando entender quem é. Skawinski está no farol pela culpa e pelo desejo. Cresceu sem a mãe, com um pai ausente e desde cedo foi cuidado por um meia-irmã mais velha. Ele desenvolveu um laço afetivo perigoso com ela, e aí resolveu se isolar no farol.

Identidade, redenção e pertencimento são temas que surgem no farol, estrutura que funciona como uma metáfora para vigilância, busca e resistência. No espaço inóspito e limitado do farol, os



três homens vão enfrentando o tempo, a culpa, o desejo e outras guerras internas que parecem não ter fim e que não podem ser vencidas.

Lançamento e sessão de autógrafos de *Outras Guerras* ocorrem hoje, 31 de Julho, às 19h, na Livraria da Travessa do Shopping Iguatemi, em Porto Alegre.

e palavras...

CONFRARIA DA GRAPPA

A Confraria da Grappa completou galhardamente sete anos em maio último. Ao que se sabe, é a única em seu gênero no Brasil. Numa linda festa de casamento, unidos pela amizade, gastronomia e apreciação de *grappas* da Vinícola Argenta, em Flores da Cunha, os confrades decidiram que, depois das *grappas* oferecidas por Deumir e Diego Argenta, iriam consolidar a irmandade reunindo-se periodicamente em torno de boa mesa, vinhos, *grappa*, charutos e conversas inspiradoras.

Alguns confrades levaram “de lembrança”, sob os paletós, garrafas de *grappa*, bebida com origens no Oriente Médio, no século VIII, e na Europa a partir do século XII, através dos mouros e seu governo na Sicília. Numa outra linda festa de casamento anterior, um confrade, que não revelarei o nome, levava, “de lembrança”, uma garrafa de *grappa* italiana. Não foi furto, claro, foi “estado de necessidade” e homenagem ao pai da noiva.

Consta que monges beneditinos deram uma consultoria da destilação da bebida, que se desenvolveu no norte da Itália, especialmente com Bortolo Nardini em Bassano Del Grappa, a partir de 1779. *Grappa* vem da palavra latina *grappa-polis*, que significa cacho de uva. No início a bebida feita de bagaço de uva era popular e usada pelo povão e pelos soldados no frio para suavizar o trabalho duro e a vida sofrida de subsistência. Hoje a *grappa* é requintada e a criação da Confraria, nascida referencial, pode ser considerada como seu ápice, especialmente no Cone Sul.

Atualmente contando

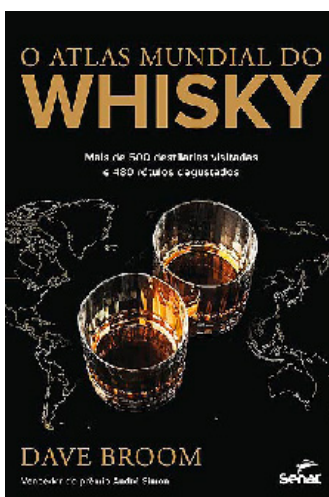
com estatuto lavrado com percuciência pelo ínclito Dr. Cláudio Xavier, um dos fundadores do sodalício grappeano, a Confraria teve como fundadores Dagoberto Zanon, Dakir Duarte, David Randon, Demóstenes Pinto, Jaime Cimenti, Luciano Martins Costa, Márcio Ramos, Marco Nahas, Martin Titon, Mércio Tumelero, Paulo de Tarso Sanseverino, Roberto Weber, Renato Malcon e Teófilo Garcia.

Vivemos numa época de relações líquidas, fugazes e dispersivas. Mas o líquido de uma garrafa de *grappa* sabe mais que as poderosas bibliotecas dos confrades reunidas e aí, especialmente no inverno, *grappa* e cafezinho aquecem as almas bondosas dos confrades. Caipirinhas e outros drinques com *grappa*, que em Portugal é conhecida como bagaceira e na Espanha como *orujo*, são boas ideias, assim como *grappa* com Red Bull para os jovens. Na culinária, a *grappa* é bem vinda, para flambar.

A Vinícola Argenta, a pedido, já produziu três diferentes safras de *grappa*, feitas no capricho, com bagaços de uvas *gewürztraminer* e apresentadas em garrafas especiais, com rótulo e contrarrótulo elaborados especialmente para a Confraria.

Grappa jovem ou branca, límpida e transparente, tem aromas mais intensos e frescos, com notas frutadas e florais. *Grappa* envelhecida em barris de madeira por ao menos doze meses tem cor levemente dourada e maior suavidade. *Grappa* envelhecida por 18 meses ou mais tem aromas mais complexos. A *grappa* extra velha, com seleção especial, é a mais sofisticada, com sabor rico e persistente.

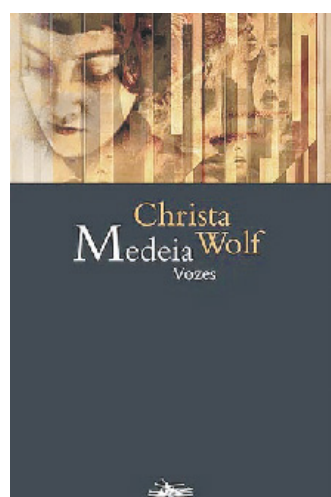
lançamentos



► **O Atlas Mundial do Whisky** (Editora Senac, 350 pág, R\$ 240,00), do especialista britânico Dave Broom, é resultado de um longo trabalho envolvendo mais de 500 destilarias e 480 rótulos degustados. O livro venceu o Prêmio André Simon e traz as principais escolas produtivas e as identidades regionais. Para elaborar a obra, o autor visitou dezenas de países e mostrou a diversidade de estilos em cada local. Obra que já nasce referencial e clássica.



► **Testemunha ocular** (Editora AGE, 126 pág, R\$ 55,00), do consagrado publicitário, poeta, cronista, compositor e escritor Luiz Coronel, traz belos e comoventes crônicas e poemas que tratam de glaucoma, pandemia, enchente, tempo, memórias, vida, morte, insônia, amor, esperança e muitos outros temas que estavam guardados no infinito baú de lembranças do poeta, que escreveu: “Glaucoma, glaucoma,/ é potro que ninguém doma.”



► **Medeia - Vozes** (Estação Liberdade, 208 pág, R\$ 56,00), obra de Christa Wolff (1929-2011), grande escritora alemã, reconta o mito da feiticeira grega Medeia e desconstrói a versão de Eurípedes. A obra tem seis personagens diferentes, envolvidos em um total de onze monólogos interiores. Cada um expõe uma perspectiva sobre Medeia, revelando, por meio do cruzamento de diferentes manifestações, as intrigas políticas e o machismo da época.

a propósito

Em vista da pátina do tempo sobre os vitoriosos primeiros sete anos e da *expertise* acumulada, a Confraria da Grappa, atualmente presidida pelo ilustre e laborioso confrade Martin Titon, pensa no futuro. A Confraria poderá promover eventos beneficentes, sociais, culturais e está aberta para receber produtos de nível superior para degusta-

ção e estabelecer intercâmbios diversos com entidades brasileiras e estrangeiras. As portas e as garrafas da Confraria estão abertas para as pessoas e para o futuro, tudo sob as bênçãos dos beneditinos, que são pacientes e generosos como os confrades. Vida longa para os confrades e para a Confraria! Saúde!

(Jaime Cimenti)

sangue novo

Pianocoquetel
e os caminhos
da criação

Joana Luna Camargo

Felipe Brandão, o rosto por trás do Pianocoquetel, começou o projeto em 2019 como um espaço pessoal para desovar composições que não cabiam nas outras bandas em que tocava na época. O primeiro EP, *Eu Vou Deixar a Roleta Girando*, e o primeiro disco, *Botando lenha na fogueira errada*, lançado em 2022, foram concebidos e gravados apenas por Felipe, sem músicos de apoio. Com *Que Coisa*, segundo álbum, lançado em maio deste ano pelo selo Frase Records, o processo mudou completamente: as canções ainda são compostas por Brandão, mas entregues num estágio ainda inicial para os músicos da banda desenvolverem juntos. “Eu ainda considero como um projeto solo, mas desenvolvido coletivamente”,

define. A formação atual reúne, além do Felipe no baixo e voz, Bernard Simon na guitarra, Rafaela Both nos teclados e guitarra e André Garbini na bateria.

O nome vem do filme *A Espuma dos Dias*, de Michel Gondry, em que existe um piano coquetel - um mecanismo em que as teclas do instrumento preparam drinks diferentes de acordo com as notas tocadas. Felipe assistiu ao filme ainda no colégio e a imagem ficou. “Me pegou profundo isso, essa parada sinestésica de fazer uma coisa tão imaterial como a música e chegar num objeto tão concreto como um drink”, conta.

A trajetória de Felipe com bandas começou oficialmente em 2013, quando formou com amigos a Everyone Goes to Space, banda de *midwestern* que lançou o primeiro EP pelo selo porto-alegrense

Projeto solo do compositor Felipe Brandão lança disco *Que Coisa* no palco do Espaço 512, nesta sexta-feira

Umbaduba Records. Depois veio o Coxido, projeto solo em que compunha músicas em inglês de forma despojada, gravando com a própria placa de áudio. Hoje, além do Pianocoquetel, Felipe possui a banda Minimundo, iniciativa cooperativa com Bernard Simon e Matheus Walter, ativo há três anos e com um disco totalmente gravado, sem data de lançamento definida.

Os quatro anos entre os dois discos do Pianocoquetel foram de muita experimentação e bastante descarte. Felipe e Ber - núcleo de composição dessa nova fase do projeto - criaram o hábito de pegar o carro nos fins de semana, ir para a praia com equipamentos de áudio e garrafas de vinho Malbec

argentino para compor livremente. “Teve fins de semana inteiros focados numa música específica, que depois descartei”, conta. No último ano e meio, com as composições já prontas, iniciou-se o período de gravar baterias em estúdio, mixar, masterizar e planejar o lançamento. “Para um próximo disco já sei o atalho”, diz Felipe, rindo.

Entretanto, o lançamento não foi sem percalços. Na meia-noite do dia em que o disco saiu, a distribuidora o publicou com autoria equivocada nas plataformas digitais. “Foi bem frustrante”, relembra. Por causa do ocorrido, o artista gravou um vídeo em forma de nota de esclarecimento nas suas redes sociais, satirizando o ocorri-

do, mas a piada foi longe demais - parte do público entendeu como polêmica real. “Teve muita gente que se preocupou, como se tivesse rolando uma treta enorme”, conta. A distribuidora logo corrigiu o erro, o disco foi para o perfil do artista e a situação foi resolvida.

Nesta sexta-feira, o Pianocoquetel estreia *Que Coisa* nos palcos no Espaço 512 (João Alfredo, 512), numa noite que conta com a participação especial de Pedro Petracco e Viridiana e também marca a estreia do disco de Gabo Islaz. “No online muita coisa acontece ao mesmo tempo, mas num show tu estás lá, dedicado para ver aquilo e pode trocar uma ideia depois. É mais verdadeiro”, diz.

qual é a boa?

Toda semana, a equipe do Jornal do Comércio traz sugestões para aproveitar ao máximo a vida cultural de Porto Alegre. Tem passeio com a família, música ao vivo para curtir na rua (e também na sala de casa) e muito mais



Para quem não está a fim de sair de casa neste final de semana, mas quer se divertir com efervescência e cultura, a dica é assistir ao show *Animakina*, do mestre Fausto Fawcett, que invade a tela da TV Brasil neste sábado, às 23h59min, dentro do programa *Cena Musical*. O cara vem com tudo numa performance supercriativa, eletrônica e dançante, misturando os clássicos atemporais *Kátia Flávia* e *Rio 40 Graus* com lançamentos mais recentes. Dá para assistir de boa na TV aberta, pelo app TV Brasil Play ou direto no Youtube da TV Brasil. Baita programa para fechar o sábado em grande estilo.

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Neste sábado, minha dica é o tributo ao Paul McCartney que o músico Diego Lopes apresenta às 19h no Hard Rock Cafe Porto Alegre. O *setlist* passa, além dos clássicos dos Beatles, por faixas da carreira solo do Sir McCartney, incluindo a fase Wings. A superbanda conta com Diego Lopes, Dani Mossmann (os dois também tocam juntos na Acústicos & Valvulados), Pedro Petracco e Dyego Gheller. Como uma pessoa que já viu algumas vezes o documentário *Man On The Run*, disponível no Amazon Prime Video, espero aliviar um pouco a minha fome de ouvir Wings bem alto.

Joana Luna Camargo,
repórter do JC



Quer fazer um passeio diferente e cheio de lembranças? Então vale a visita à exposição *Uma Viagem ao Mundo dos Brinquedos*, no Farol Santander. A mostra é gratuita e reúne brinquedos clássicos das décadas de 1940 a 1980, contando um pouco da história e da evolução de cada época. É impossível não sentir um toque de nostalgia. A exposição fica em cartaz até 13 de dezembro de 2026 e é uma ótima pedida para curtir com a família ou os amigos.

Fabiana Pereira,
secretária do JC



Dias desses, propus à minha filha um passeio diferente: olhar a própria cidade com olhos de turista. A ideia também vale com amigos ou parceiro. Vestimos nossos melhores lookinhos, pegamos as câmeras e fomos explorar o Centro Histórico. Começamos na Café e Confeitaria Andradas, com muitas delícias. Seguimos até a Alfândega, visitando os museus, além de livrarias como Baleia, Travessa e Beco dos Livros. Subimos até a Praça da Matriz (com visita guiada e até carteirinha na Biblioteca Pública) e ao Viaduto da Borges, em fase de reabertura. Fechamos com um xis vegetariano no PHade Lanches.

Gabrieli Silva,
fotógrafa do JC